

O uniforme nas escolas: uma disputa política

O tráfico de drogas, a violência, os furtos e os roubos aumentaram nas escolas públicas de São Paulo, depois que a lei suspendeu a obrigatoriedade do uso do uniforme pelos alunos de 1º e 2º graus. Por isto, o deputado Tonico Ramos (PMDB) apresentou projeto tornando de novo obrigatório o uniforme escolar. Mas, na verdade, há uma disputa política por trás da questão.

A não-obrigatoriedade do uso de roupa escolar foi resultado de um trabalho do deputado petista Paulo Frateschi, sob argumento de que estudante pobre não pode comprar uniforme. As comissões técnicas da Assembléia já deram parecer favorável ao projeto de Tonico Ramos, embora a votação possa vir a demorar. O argumento de Ramos é que, não usando uniforme, os alunos de maior condição financeira exibem roupas novas com freqüência, enquanto os mais pobres usam roupas rasgadas.

Outro argumento pró-uniforme é o da segurança, já que, no momento "as escolas encontram dificuldade de impedir a infiltração de estranhos no meio dos alunos, sobretudo os traficantes de drogas, cujo número tem aumentado", diz seu autor. Pelo projeto, o uniforme será simples, com camiseta branca e calça azul para os meninos, ou saia azul-escura ou brim

jeans para as meninas. Segundo uma emenda ao próprio projeto, Ramos pretende que o uniforme seja considerado material escolar, sendo doado pelo governo para os estudantes pobres ou descontado seu gasto no Imposto de Renda.

Por trás da questão do uniforme, observadores entendem que há uma disputa política, já que Tonico Ramos pertence ao grupo moderado de Araras, cidade onde nasceu Alaíde, mulher de Quécia. Frateschi atua em organizações de professores como a Apeoesp, bem mais à esquerda.



Benedito Salgado

Os alunos, divididos sobre o uniforme

"Não é totalmente horrível usar uniforme. Acaba com a preocupação sobre qual a melhor roupa para se ir à escola. E ter uma roupa específica economiza as outras, que ficam só para sair." A opinião é de Luciana Fontolan, estudante da Escola Manoel Cirilo Buarque, onde a grande maioria dos alunos não aceita a ideia de usar uniforme, fazendo caretas só de ouvir falar no assunto.

Sem saber explicar o motivo, Márcia Sacchi diz odiar a palavra uniforme. Vestindo uma calça jeans de marca conhecida, blusão combinando, batom, brincos e cabelo bem penteados, Márcia parece pronta para um passeio. E é exatamente isto que muitos rejeitam: "O fim da obrigatoriedade do uso de uniforme nos trouxe diversos problemas, inclusive a disputa entre alunos pobres e ricos. Quem tem um pouco mais faz um verdadeiro desfile, despertando ciúme e inveja nos outros. O uniforme pode acabar com essa discriminação", afirma a assistente de diretoria Marly Diva Bonfanti, da Escola Buenos Aires.

Como ela, Nilda Criveline — diretora da mesma escola — é a favor da volta do uniforme. "Um simples emblema pode identificar o estudante, não só na escola mas principalmente fora dela." Foi através do emblema

da escola que um aluno de oito anos foi encontrado na praça da Sé, onde há 15 dias, cabulando aulas, convivia com trombadinhas e menores abandonados do centro da cidade. "Uma funcionária passou e viu a blusa do Buenos Aires. Trouxe o aluno na mesma hora", lembra a diretora.

Mas o fim do uso de uniformes foi uma tentativa de facilitar aos alunos mais carentes o ingresso na escola, já que muitos não podiam comprar as camisetas e agasalhos indicados. "Não precisa ser uniforme completo. Há alguns anos, vendia-se somente o bolso, com o nome da escola. Isso já é suficiente", diz Marly Bonfanti.

Apesar disso, há quem alegue que o uniforme pode afastar o aluno da escola. "Atendemos basicamente moradores de favelas. Eles, com certeza, não vão gastar dinheiro na compra de uniformes. Não têm para comer e vão se preocupar com emblemas?", questiona a secretária Terezinha Silva, da escola Prof. Mauro de Oliveira. Lá, a procura maior não é por ensino e sim por comida. "No período de férias, a servente faz renda três vezes ao dia, e quem procura não são só crianças. Muito pai se alimenta aqui".

Para a Secretaria da Educação, a questão uniforme é um interminável

debate, longe de um consenso. "Pais, alunos e até magistério estão divididos. Por enquanto, quem decide é o conselho de cada escola, mas se o projeto de lei for aprovado teremos que acatar", afirma Ana Maria Quadros, da Coordenação de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo.

Segundo Ana Maria, o uniforme — ao invés de acabar com a concorrência entre alunos — pode aumentar a discriminação. "É quem não puder comprar, fica fora da escola." A solução seria o próprio Estado fornecer uniformes. "É o ideal", segundo Regina Custódio, da escola Joaquim Leme do Prado. "Eles não dão nem carteira, vão dar roupas?", pergunta, cética, a aluna Selma Regina Rodrigues, da escola Buenos Aires. Para ela, se obrigatório, o uniforme tem que ser completo. "Se não, somos obrigados a vestir camiseta por cima de agasalho, o que é muito desconfortável. Não dá nem para escrever", reclamou.

A falta de dinheiro não parece ser empecilho para o uniforme. "Roupa de moda todo mundo tem, pobre ou rico", disse a professora Anelcina de Jesus. Para ela, vestir um uniforme é como o ritual: "Prepara o aluno para vir à escola, sem ele, acabou o respeito", afirma.